CORREIO NO MUNDO

Daniel Torok/ Casa Branca

Trump mantém ameaças em meio a negociações

Irã está "implorando" por um acordo, diz Donald Trump

O presidente Donald Trump disse nesta terça-feira (19) que o Irã estaria "implorando" por um acordo para pôr fim ao conflito e que os Estados Unidos podem precisar atacar o país novamente, em mais uma rodada de ameaças contra o país persa.

Na véspera, o republicano anunciou que havia suspenddido uma ofensiva contra o Teerã prevista para esta terça, a pedido de líderes de países do Golfo, depois que o país persa enviou uma nova proposta de paz a Washington. Mais cedo na terça, o Exército do Irã disse que "abrirá novas frentes" contra os EUA se o país retomar os ataques. A mais recente proposta de paz apresentada por Teerã envolveria o fim dos ataques em todas as frentes da guerra.

Washington pode suavizar exigências

O que incluiria o Líbano, com a retirada das forças dos Estados Unidos de áreas próximas ao Irã e reparações pelos danos causados pelo conflito.

Embora nenhum dos lados tenha divulgado publicamente quaisquer concessões nas negociações, que estão paralisadas há um mês, um funcionário de alto escalão iraniano sugeriu na segunda-feira que Washington pode estar suavizando algumas de suas exigências.

Casa Rosada

Miguel Díaz-Canel chamou sanção de "criminosa"

Trump acredita em acordo com Cuba

Presidente dos Estados Unidos, Donald Trump disse nesta terça-feira (19) que acredita que um acordo diplomático com o regime de Cuba pode ser alcançado e que pode ajudar a ilha, independentemente de haver ou não uma mudança de regime.

"Acho que sim", disse Trump a repórteres na Casa Branca, ao ser questionado se acreditava que um acordo diplomático com Cuba poderia ser alcançado. "Cuba está nos procurando. Eles precisam de ajuda. Mas Cuba é uma nação fracassada. Cuba precisa de ajuda, e nós faremos isso."

Díaz-Canel condena novas sanções

A ilha enfrenta desde janeiro um bloqueio petroleiro imposto por Trump, que desencadeou uma crise energética, com apagões diários e suspensão de coleta de lixo e serviços básicos. O dirigente de Cuba, Miguel Díaz-Canel, afirmou que a nova leva de sanções dos EUA anunciada na segunda (18) contra ministros, membros da cúpula militar e os serviços de inteligência cubanos é "imoral, ilegal e criminosa".

Guia de guerra

Em meio às tensões, a Defesa Civil de Cuba divulgou nos últimos dias um guia com orientações de proteção para o caso de uma eventual intervenção militar americana. Publicado no perfil da Defesa Civil nas redes sociais, o guia afirma que os EUA "ameaçam atacar militarmente e destruir nossa sociedade".

Mandado de prisão

O ministro das Finanças de Israel, o extremista Bezalel Smotrich, afirmou nesta terça-feira (19) ter sido informado de que o procurador do Tribunal Penal Internacional (TPI), em Haia, pediu um mandado de prisão contra ele. Segundo o político israelense, a medida representa uma "declaração de guerra".

Processo sigiloso

Smotrich disse ter recebido a informação na segunda (18), mas não revelou quem o avisou sobre o suposto pedido. O ministro também não detalhou quais seriam as acusações apresentadas pelo tribunal. O escritório do procurador do TPI se recusou a comentar o caso sob a justificativa de que o processo é sigiloso.

Encíclica

O papa Leão 14 divulgará na próxima segunda-feira (25) sua primeira encíclica, documento considerado uma das formas mais importantes de ensinamento da Igreja Católica. Segundo o Vaticano, o texto abordará os impactos da inteligência artificial e os desafios impostos pela tecnologia à proteção da dignidade humana.

Quebra de tradição

A encíclica, intitulada "Magnifica Humanitas" ("Humanidade Magnífica", em latim), deverá ser apresentada pelo próprio pontífice em um evento no Vaticano, o que significaria uma quebra de tradição, já que documentos desse tipo costumam ser divulgados por cardeais e porta-vozes da Santa Sé.

Condenar uso de IA

Pessoas próximas dizem que o documento deverá condenar o uso da IA em guerras e discutir como a tecnologia desafia direitos trabalhistas e transforma as relações de trabalho. Em comunicado divulgado na segunda (18), o Vaticano afirmou que a encíclica tratará da "proteção da pessoa humana na era da inteligência artificial".

Reuters/Folhapress

Pequim quer se posicionar como ator diplomático relevante

Putin chega à China para reunião com Xi Jinping

Russo viajou para discutir energia, economia e defesa

Victoria Damasceno (Folhapress)

O presidente da Rússia, Vladimir Putin, chegou a Pequim nesta terça-feira (19) para uma visita de Estado quatro dias após a partida do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump.

É a primeira vez que Pequim recebe, no mesmo mês, os presidentes dos dois países, o que é visto por analistas como uma forma de a China se posicionar como imparcial e como força diplomática decisiva em meio à polarização mundial.

Artigo publicado pela mídia estatal chinesa Global Times afirma que o país está se consolidando como "ponto focal da diplomacia global".

O russo viajou à capital chinesa a convite do líder do regime, Xi Jinping, por ocasião dos 25 anos do Tratado de Boa Vizinhança e Cooperação Amistosa. Este ano marca também o trigésimo aniversário do início das relações estratégicas entre os países.

Putin foi recebido no aeroporto da capital pelo chanceler chinês, Wang Yi, e se encontrará com Xi na manhã desta quarta-feira (20), no horário local.

Segundo comunicado do Kremlin, os líderes vão discutir "assuntos bilaterais da atualidade, maneiras de fortalecer ainda mais a parceria abrangente e a cooperação estratégica" e "trocarão opiniões sobre questões internacionais e regionais importantes".

Em pronunciamento por ocasião da viagem, Putin afirmou que as relações entre os países atingiram "um nível verdadeiramente sem precedentes". Chamou Xi de amigo de longa data e declarou que as nações "estão expandindo ativamente seus contatos nas áreas da política, da economia e da defesa".

A guerra na Ucrânia deve ser um dos principais assuntos, embora as chancelarias dos países não tenham sinalizado que o conflito estará em destaque na pauta. O conflito, porém, será pano de fundo das demais discussões, uma vez que Moscou tem a China como principal aliado econômico em meio às sanções impostas pelo Ocidente após a incursão no país vizinho em 2022.

Outro tema será a cooperação energética, que tem sido um dos principais motores das relações bilaterais e se tornou ainda mais relevante em decorrência da guerra no Irã, devido ao risco que o conflito imputa à matriz energética chinesa por causa do fechamento do estreito de Hormuz.

A maior parte do petróleo que passa pelo trecho tem como destino os portos chineses. Pequim, porém, mantém uma reserva bilionária da commodity, o que a afasta do risco imediato, mas leva líderes chineses a buscar alternativas de abastecimento. Dados do Kremlin indicam que as exportações de petróleo russo à China cresceram mais de um terço no primeiro trimestre de 2026.